

PELO SERTÃO:

uma experiência de viagem

O senhor nonada conhece de mim; sabe o muito ou o pouco? O Urucuia é ázigo... Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai é mesmo dos escuros buracos, tirante o que vem do Céu. Eu sei.

João Guimarães Rosa

DDesde a pré-história, a viagem sempre esteve atrelada à experiência humana. As culturas nômades daquele tempo talvez tenham inaugurado o que entendemos hoje por viagem. As necessidades alimentares e a sobrevivência, de um modo geral, impeliam o homem a se deslocar. O manuseio de ferramentas, da terra e a descoberta do fogo, certamente, foram fundamentais para que o homem criasse para si um lócus que lhe servisse de referência. Parece, contudo, que essa revolução que fez com que ele saísse de sua condição nômade, para uma experiência sedentária, não o impediu de continuar a se movimentar pelo planeta.

Estudos antropológicos e vivências nossas, particulares, testemunham o quanto a viagem tem importância na formação etnográfica da humanidade. Desde pinturas rupestres a vestígios arqueológicos; crenças míticas a cerimônias ritualísticas, muitos são os sinais que evidenciam que o homem, a despeito de haver se fixado em um

determinado lugar, nunca perdeu o prazer de se colocar em andança, rumo ao desconhecido.

De Marco Pólo a Fernão Lopes e Fernão Mendes Pinto; de Cristóvão Colombo a Vasco da Gama e Pero Vaz de Caminha; de Gulliver a Júlio Verne e Xavier de Maistre; de Spix e Martius a Humboldt e Saint Hilaire, muitos foram aqueles que se dispuseram a fazer da viagem uma experiência de vida, seja pela via do maravilhoso, do fantástico, seja pela incursão colonizadora, seja como vivência de exílio, seja como pirataria ou até mesmo pelo desejo de se registrar para o Velho Mundo europeu a paisagem, os povos e os costumes do Novo Mundo.

João Guimarães Rosa, certamente leitor de todas essas experiências, foi um viajante que descortinou o sertão mineiro para o mundo e deixou na sua trilha vários outros viajores dispostos a refazerem o percurso realizado por ele em 1952, na companhia de uma tropa de vaqueiros, dentre eles Manuelzão, que posteriormente se consubstanciaria

em uma de suas personagens mais expressivas.

Nessa viagem, Rosa registra nas cadernetas não só as impressões que o percurso lhe causava, mas também as singularidades da fala de seus companheiros e dos moradores do sertão. Evidencia, de forma poética, a beleza da fauna, da flora; mas não deixa, contudo, de antecipar, como se verifica em Grande sertão : veredas, que um dia as veredas, com seus magistras buritizeiros, dariam lugar a vastas plantações de eucalipto, como verificamos em nossa viagem, 54 anos após aquela realizada pelo autor.

Quem viaja pelo sertão contemporaneamente, como fizemos os viajantes da II Expedição Caminhos dos Geraes: “Na Garupa de Rosa”, tem a oportunidade de se imaginar revivendo a experiência pregressa de João Guimarães Rosa. Mas porque distantes temporalmente daquele que nos inspirou, inauguramos um novo percurso, sabendo, contudo, que fomos alimentados por ele e pelos registros de viagens outras que fomentaram a escrita do autor mineiro. Partimos, portanto, “na garupa de Rosa” e, como Riobaldo, que conhece e contempla o sertão através dos verdes olhos de Diadorim, desejávamos (re)descobrir esse sertão: o de ontem, eternizado nas páginas da literatura do Joãozito de Cordisburgo; o de hoje, sua gente e as marcas do progresso que nele foram deliberadamente impressas; e o do porvir. A partir dessa constatação do que é o sertão no presente, precisamos assumir um compromisso para impedir que ele, num futuro próximo, desapareça e passe a figurar apenas como uma lembrança doída nas páginas de um livro ou na parede, como lamenta Carlos Drummond de Andrade em relação a Itabira de sua infância e juventude.

O sertão de ontem é uma dimensão que se engendra no de hoje. Outrora, era um espaço no qual as porteiras careciam de fechos. Hoje é percebido pela experiência empírica rememorada ou pela experiência estética transformada, de diversas formas, pela gente do lugar. No plano do empírico, D. Maria Nardi, filha de Manuelzão, relembra quando o pai conhecera Guimarães Rosa. Amante da aventura proporcionada pela viagem, parte na comitiva que vai da fazenda “Sirga” a Araçai de Minas. Do cantinho silencioso do cotidiano, Manuelzão desponta como personagem na literatura de Rosa. Da invisibilidade da história, o mesmo Manuelzão salta para o glamour de uma fotografia tirada por um fotógrafo da revista O Cruzeiro, Eugênio Silva, que acompanhava a comitiva. Nela, o vaqueiro de traços longilíneos e tez clara figura altivo e elegante, com o olhar projetado para o horizonte. No bisneto, Fernando, de 9 anos, revemos o olhar firme e altaneiro do bisavô.

Na dimensão estética, o sertão de ontem é experimentado através de “estórias” contadas por crianças, jovens e velhos, todos de alguma forma enredados pelos causos que, extraídos da experiência diária do sertão, passaram às páginas da literatura e à oralidade retornam, numa espécie de ritornelo, como diria Deleuze. Ao ouvir os contadores, revivemos episódios como os de Maria Mutema, Pedro

Pindó, Antônio Dó, Guégue, Pê Boi e tantas outras personagens que habitam o sutil liame que separa a história da “estória”.

Se o sertão de ontem e o de hoje se confundem, é na experiência do presente, filtrada pela vivência estética da literatura de Rosa, que os moradores compreendem que “o sertão é do tamanho do mundo”. E essa compreensão é traduzida em bordados, memória, apresentações teatrais, homenagens, etc. Em Andrequicé e em Serra das Araras, as mãos não raro calejadas das mulheres bordam frases, episódios e cenários do sertão que, célebres na obra de Rosa, são ressignificados e garantem o sustento de famílias inteiras. Escritor e bordadeiras, pena e agulhas, imaginário e realidade se confundem no exercício poético de (re)ordenar o mundo.

Em Paredão de Minas, “um lugarejo de um ruado só” – como diz Riobaldo em Grande sertão : veredas – em meio à tranqüilidade típica do interior, ao colorido da flora local e ao espetáculo sonoro e caudaloso do rio do Sono, o Sr. Hélio, relata o encontro da realidade com a ficção. Em 1985, a história de amor entre os jagunços Riobaldo e Diadorim transforma-se em seriado de TV. Na narrativa de Guimarães Rosa, é em Paredão de Minas que se dá o embate final entre Hermógenes e Diadorim, a morte destes e a conseqüente descoberta, por parte de Riobaldo, de que seu amado era, na verdade, uma mulher: “Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor (...)” Através das páginas da literatura e da tela da TV, Paredão de Minas ganhou o mundo. Enredado entre a história e a ficção, o povoado parece viver em estado de encantamento, mas espera, quase resignado, que ações do Governo possam oferecer algumas benesses imperiosas em pleno século XXI.

Em Sagarana – que não é mais só título de livro, foi o nome escolhido para designar um distrito de Arinos – crianças entendem a dimensão do ser sertanejo, não porque somente a literatura de Rosa tenha lhes ensinado isso, mas porque essa literatura se nutriu das mesmas fontes de que elas são origem. Na escola, estudantes e professores comentam com desenvoltura temas e o poético vocabulário da obra. Todos, mesmo aqueles que ainda não puderam ou não conseguiram ler Grande sertão : veredas, conhecem e se encantam com a narrativa, como uma garotinha de sete anos, se muito, que nos conta como a nudez de Diadorim é fundamental para que Riobaldo alcance a anagnorisis, um termo aristotélico que significa reconhecimento, ou seja, passagem da ignorância ao conhecimento. A apreensão do que é obra de Rosa não está restrita apenas à sala de aula. Os estudantes também se aventuram pelas sendas teatrais, incorporando personagens, revivendo episódios e reinventando cenários. Dessa forma, é possível que a comunidade tenha acesso, ainda que mínimo, à literatura rosiana, já que nas estantes faltam livros do autor para tantos leitores. E essa não é uma realidade isolada. Em Serra das Araras, Gildete nos conta que só há um livro na biblioteca da

escola. Quando é possível o empréstimo, deve ser devolvido em uma semana. Tendo a professora solicitado um trabalho a partir do livro, os estudantes não puderam apresentar, dada a impossibilidade de se ler em tão pouco tempo e por não ser possível fazer o rodízio entre os membros do grupo. Apesar da fama que a literatura de Rosa alcançou mundialmente, no sertão – origem de toda essa fama – poucos são aqueles que experimentaram o prazer de folhear e de se verem representados não só como sertanejos ou personagens, mas também como cidadãos do mundo com direito ao saber letrado.

Em Chapada Gaúcha, município mineiro que faz divisa com a Bahia, está localizado o Parque “Nacional Grande Sertão Veredas”, uma Área de Proteção Ambiental (APA). O Cerrado – sua flora, fauna e hidrografia –, pode não parecer, mas está em constante ameaça. As árvores de troncos delgados e retorcidos, frutíferas ou não; os buritizeiros e as nascentes dos rios; as aves, os animais silvestres estão “lentamente” desaparecendo para dar lugar ao capim, à soja, à monocultura do eucalipto. Carvoeiras transformam a vegetação em carvão, poluem e enfeiam o ambiente. Isso não é um grito contra o progresso, mas contra o manuseio irresponsável da natureza, que agora clama por socorro. As APA’s surgiram como uma alternativa ao desmatamento desenfreado, mas elas, por si sós, não são o bastante para conter a “fúria” capitalista da humanidade. Há ainda uma outra questão: elas podem vir a funcionar, caso não nos comprometamos urgentemente com essa causa, em “museu” ao qual dificilmente teremos acesso e que nada poderá fazer pela espécie humana e pela vida em geral. Na velocidade com que têm ocorrido os desmatamentos, pode ser que num futuro próximo apenas saibamos do cerrado por ouvir falar ou por registros em livros, se é que estes chegarão um dia às estantes de todos os lares.

Mas não são apenas as mazelas que enchem os olhos dos viajantes. Em Sagarana, as fiandeiras tingem com as cores do Cerrado suas colchas, chales e tapetes e dão exemplo do manuseio responsável do bioma do Cerrado.

As mãos que transformam o algodão em tecido são as mesmas que, como as de alquimistas, transferem o colorido

da natureza para seus produtos. A tinta é extraída da casca de frutas, folhas secas, sementes, etc. Em Chapada Gaúcha, a comunidade nativa fabrica bijouterias com sementes, erveiros fazem garrafadas, que curam toda sorte de doenças. A comercialização desses produtos garante o sustento de comunidades inteiras. A natureza, nesse processo, não se nega ao espetáculo. Exemplo disso é o belo cenário que o encontro de rios como o Caririnha e o Urucuia proporciona. Nesse encontro, que se dá no Parque Nacional Grande Sertão Veredas, exatamente na divisa do estado mineiro com o baiano, os rios se irmanam e seguem seu destino rumo ao rio São Francisco.

E por falar em rio, Guimarães Rosa gostava de compará-los ao ser humano. O Urucuia era seu rio de amor, representava Otacília, sua esposa; o São Francisco, que divide sua vida ao meio, era Diadorim, seu grande e impossível amor. A narrativa de Grande sertão : veredas está contaminada pela metáfora do rio, que é a matéria vertente, ou seja, a história que Riobaldo conta ao doutor da cidade grande. Todos os relatos do jagunço, aparentemente desconectados, convergem para Diadorim. Os rios descritos seguem, todos, para o São Francisco, o rio da integração nacional, que marca profundamente o imaginário brasileiro. Esse nosso rio de amor talvez possa desmistificar o sentido da nossa viagem, já que todo o nosso trajeto foi margeado por ele ou por seus afluentes.

Cinqüenta e quatro anos depois da viagem realizada por Guimarães Rosa, constatamos que colocaram fechos nas porteiras do sertão, mas ele não tem dono, tem explorador. E essa exploração, em alguns casos, tem colocado em risco a sobrevivência do bioma do Cerrado. Apesar de Rosa ter retirado o sertão do seu estado de invisibilidade, muito ainda temos que aprender para lidar com ele, porque conhecê-lo não é nem antes nem depois, mas durante a travessia. Este talvez seja um outro sentido da viagem: experimentar o sertão em sua presentidade, com suas singularidades e incoerências. A viagem, não importa por qual meio de transporte, herança deixada por nossos antecedentes pré-históricos, é um aprendizado que só experimenta quem se aventura a sair do lugar.

Referências bibliográficas

ROSA, João Guimarães. Grande sertão : veredas. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. 1837 – Acerca do Rítornelo. In: DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Eitora 34, 1997. Vol 4 – Coleção Trans. p. 115-170.

Telma Borges é natural de Belo Horizonte – MG. Fez a graduação, o mestrado e o doutorado em Letras pela Faculdade de Letras da UFMG. É professora de Literatura desde 1995. Atualmente faz parte do corpo docente do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros, onde coordena dois projetos de pesquisa baseados na obra de João Guimarães Rosa.

e-mail: t2lm1b3rg2s@yahoo.com



